

# MINUTO DA ÉTICA

Junho 2025

## A Ética da Terra

### Refazenda

Gilberto Gil · 1975

Abacateiro  
Acataremos teu ato  
Nós também somos  
do mato  
Como o pato e o leão  
Aguardaremos  
Brincaremos no  
regato  
Até que nos tragam  
frutos  
Teu amor, teu  
coração  
Abacateiro  
Teu recolhimento é  
justamente  
O significado  
Da palavra temporão  
Enquanto o tempo  
Não trouxe teu  
abacate  
Amanhecerá tomate  
E anoitecerá mamão  
Abacateiro  
Sabes ao que estou  
me referindo  
Porque todo  
tamarindo tem  
O seu agosto azedo  
Cedo, antes que o  
janeiro  
Doce manga venha  
ser também  
Abacateiro  
Serás meu parceiro  
solitário  
Nesse itinerário  
Da leveza pelo ar  
Abacateiro  
Saiba que  
na refazenda  
Tu me ensina a fazer  
renda  
Que eu te ensino a  
namorar  
Refazendo tudo  
Refazenda  
Refazenda toda  
Guariroba

Em junho, quando se celebra o Dia Mundial do Meio Ambiente e se renovam as esperanças na Conferência dos Oceanos da ONU, surge uma oportunidade de refletir sobre o lugar que ocupamos no mundo. As queimadas nas florestas, o gelo que se vai calado, o mar que muda de cor e de humor — tudo isso não é apenas um aviso da ciência ou um sinal de previsão: é o mundo dizendo que desaprendemos a escutá-lo. São também retratos de uma perda de valores que antes pareciam guardados com mais zelo — como o cuidado com o que vem depois de nós.

A agonia da Terra, nas marés desreguladas ou nas estações que já não cumprem o combinado, revela, com certa melancolia, o quanto nos afastamos de nós mesmos. Há tempos não escutamos os sinais do tempo. Na pressa de desejos imediatos, pouco a pouco naturalizamos a lógica do excesso: extrair além do necessário, consumir sem critério, descartar com indiferença — como se os recursos fossem infinitos.

No serviço público, ética também é saber usar com parcimônia o que se tem. Pepe Mujica dizia que a liberdade começa quando nos despedimos do excesso: viver “com o suficiente para que as coisas não me roubem a liberdade”. E tinha razão. Gastar menos não é sovínice — é gentileza com quem vem depois. Cada recurso que se guarda é um gesto de cuidado, não com a conta, mas com os que dividem este mundo conosco. E, quando ele lembrava que pagamos as coisas com o tempo da nossa vida, dizia aquilo que sabemos, mas raramente nos permitimos sentir: tempo não se acumula e não aceita troca.

O Código de Ética Profissional do Servidor Público Civil do Poder Executivo Federal (Decreto nº 1.171/94) nos lembra que: “causar dano a qualquer bem pertencente ao patrimônio público, deteriorando-o, por descuido ou má vontade, não constitui apenas uma ofensa ao equipamento e às instalações ou ao Estado, mas a todos os homens [e as mulheres] de boa vontade que dedicaram sua inteligência, seu tempo, suas esperanças e seus esforços para construí-los”. Assim, cuidar do que é do coletivo é um jeito de devolver à vida um pouco da dignidade que ela nos empresta. Escolher o que é sustentável e estender a mão ao próximo é como dizer: “estou aqui cuidando do que é seu também”. Preservar o que é público é guardar memória e compromisso num mesmo gesto. Esses valores, que às vezes parecem grandes demais para o nosso cotidiano, começam nos gestos miúdos. No mesmo sentido, a ética não se mede pelo tamanho dos atos, mas pela coerência com que cuidamos do que é da sociedade. E cuidar, como se sabe, é uma das formas mais simples, e mais sérias, de civilização.

É também essa delicadeza silenciosa, feita de atenção e respeito, que se vê nas imagens de Sebastião Salgado, no Projeto Gênesis, em que fotografou o mundo que ainda não desaprendeu a ser mundo. Suas lentes revelaram ambientes onde a pressa ainda não passou, onde o barulho da máquina ainda não venceu o som do vento. Viu geleiras como páginas em branco, desertos com ar de eternidade, matas que cochicham e povos que vivem em voz baixa, como se desconfiassem do futuro. Cada fotografia é um lembrete: não estamos acima da natureza — estamos dentro. As imagens de Salgado são sinais de um tempo em que o mundo ainda falava por si, sem tradução. E há nisso tudo uma esperança antiga: a de que ainda é possível habitar o mundo com comedimento. Essa esperança nos pede uma humildade que talvez só se aprenda ao escutar o som da Terra — aquele som fundo, feito barulho de mar dentro de uma concha.

Essa escuta também pode se dar no cotidiano mais modesto do serviço público: na pausa sem pressa para o café, numa breve caminhada depois do almoço, num pedaço de pão caseiro repartido entre colegas, no hábito de frequentar feiras orgânicas de produtores locais ou num diálogo sem pauta — desses que valem mais pela presença do que pelas palavras. Esses pequenos gestos ajustam o tom com que pisamos no mundo. E é nesse compasso, mais contido e mais gentil, que mora a parte mais decente da civilização.

Caso tenha dúvidas ou queira compartilhar boas práticas para um serviço público mais zeloso, nossa Comissão de Ética da PortosRio está à disposição.